

*Da Arte Rupestre ao Ar Livre
ao mundo Contemporâneo*

INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NA RUA 25 DE ABRIL, N.º 56, SANTA CRUZ, GRACIOSA

ARCHAEOLOGICAL WORKS IN 56, RUA 25th APRIL, SANTA CRUZ, GRACIOSA ISLAND, AZORES

Recebido a 17 de janeiro de 2022

Revisto a 21 de janeiro de 2022

Aceite a 10 de fevereiro de 2022

José Luís Neto

Direção Regional da Cultura dos Açores

jose.lp.neto@azores.gov.pt

Luís Borges

Direção Regional da Cultura dos Açores

Luis.CS.Borges@azores.gov.pt

Tânia Manuel Casimiro

Investigadora na Universidade Nova de Lisboa – FCSH

tmcasimiro@fcsb.unl.pt

Resumo

A Graciosa foi, muito provavelmente, o último município do território português a acolher uma intervenção arqueológica. Se Martins Sarmiento, Estácio da Veiga e Leite Vasconcelos tentaram escrutinar sistematicamente o território na segunda metade do século XIX, somente em 2015 a Graciosa teve uma primeira prospeção e, em 2019, um primeiro acompanhamento arqueológico que nesta nota pretendemos divulgar, pela importância simbólica do que tal representa.

Palavras-chave: Graciosa, Açores, Arqueologia Moderna, Arqueologia Contemporânea.

Abstract

Graciosa Island was, most probably, the last municipality in Portuguese territory to host archaeological works. If Martins Sarmiento, Estácio da Veiga e Leite Vasconcelos tried to systematically scrutinize the territory in the second half of the 19th century, only in 2015 occurred an archaeological prospecting and, in 2019, host an archaeological survey that in this note we intend to disclose, for the symbolic importance of what it represents.

Keywords: Graciosa Island, Azores, Post-Medieval Archaeology.

1. Preâmbulo

Pese embora a arqueologia tenha tido início no *Renascimento*, pode-se considerar como primeira intervenção arqueológica, a iniciada em 1748, em Pompeia (Itália), célebre cidade soterrada por uma erupção do vulcão Vesúvio, no ano 79 a.D. Em Portugal, a primeira intervenção arqueológica sistemática foi a iniciada, em 1850, na antiga cidade romana, no sítio de Tróia, pela *Sociedade Arqueológica Lusitana*¹, defronte de Setúbal. Nos Açores, pela mão de Manuel de Sousa d'Oliveira, iniciou-se, em 1967, em Vila Franca do Campo, ilha de São Miguel². Até 2015, a ilha Graciosa não possuía qualquer registo no âmbito do património arqueológico nacional, ano em que se realizou uma primeira campanha de prospeção, que localizou 46 sítios, terrestres e subaquáticos. Foi a última ilha do arquipélago a albergar arqueólogos, talvez mesmo o derradeiro local do país. De 2019 é a primeira intervenção arqueológica aí realizada, a solicitação do edil, o Senhor Dr. Manuel Avelar Cunha Santos, na sequência das reuniões preparatórias, entre o município e a Direção Regional da Cultura, para a criação e implementação da *Carta de Risco Arqueológico do Património Arqueológico de Santa Cruz*³.

2. Acompanhamento Arqueológico

Entre os dias 15 e 16 de julho de 2019, efetuou-se um acompanhamento arqueológico de obra, no lote da moradia sita no número 56, da Rua 25 de Abril, na Vila

¹ José Luís Neto (2012) – *Túbal te fez – arqueologia, identidade e cultura periféricas*, Ed. Prima Folia, Setúbal.

² José Luís Neto (2018) – *Arqueologia nos Açores – Uma breve história*, Ed. Instituto Açoriano de Cultura, Angra do Heroísmo.

³ Carlos Luís Cruz e Pedro Parreira (2019) – Estratégias para a gestão da salvaguarda arqueológica: as cartas de risco do património arqueológico dos Açores. *Scientia Antiquitatis*, n.º 1, Universidade de Évora, Évora, pp. 77 – 94.

de Santa Cruz, da ilha Graciosa. Estas obras ocorreram no âmbito da recuperação de um edifício devoluto, destinado à construção de uma casa de habitação. O lote intervencionado está orientado, sensivelmente, norte-sul, confrontado a norte com a Rua 25 de Abril, a poente com uma moradia, a sul com a Rua da Esperança, e a nascente com duas moradias. Este lote urbano apresentava três zonas claramente distintas, a saber: a norte, uma pequena casa de 8 metros de fachada por 6 metros de profundidade longitudinal; uma zona central, composta por um forno e anexos da casa; e, finalmente, a sul, o logradouro, delimitado por um muro, e contendo um cercado para criação de animais. Para os trabalhos de obra foi utilizada uma retroescavadora, tanto para as demolições, como para a escavação e nivelamento do terreno.

A casa, de planta retangular, tinha as paredes constituídas por pedra basáltica seca, sem ligante, rebocada a cimento e pintada de branco, com molduras (soco, vãos, pilastras laterais e cimalha), em cinzento, no exterior. Possuía telhado de duas águas, pouco inclinado e coberto com telha regional. Do lado da Rua 25 de Abril, possuía dois vãos, correspondentes a uma porta e uma janela, e, no lado posterior, uma porta apenas, de ligação à zona do forno. Durante as demolições foi detetada uma segunda abertura para o exterior, na passagem para o forno. A casa apresentava duas divisões interiores, separadas por uma parede em tabique de madeira. Os anexos, a nascente, constituíam-se por uma sala do forno, uma casa de banho e uma outra divisão. A boca do forno havia sido fechada com uma parede em blocos de betão e o seu interior entulhado com pedras. A chaminé apresentava-se construída em blocos de betão rebocados a cimento. A cobertura dos anexos, de uma água, tinha placas de fibrocimento. Todo o pavimento da casa e dos seus anexos era em laje de betão.

Os trabalhos de obra, e o seu acompanhamento arqueológico, principiaram com a demolição do muro limítrofe do lote, a sul, confrontado com a Rua da Esperança.

Neste muro de pedra basáltica, sem ligante e rebocado a cimento, com cerca de 2,5 metros de altura e 0,60 metros de largura, não foram detetados elementos passíveis de efetuar a sua datação de construção. O muro tinha como função, além de delimitação do lote, a contenção das terras depositadas no logradouro, que, de seguida, foram removidas pela máquina. Estas terras, doravante designadas por Camada 1, compunham-se da seguinte forma:

- Terra solta, castanho escura, com baixa incidência de pedras, e ocupando toda a área do logradouro, prolongando-se até à parede limítrofe da casa.

Durante a remoção das terras da Camada 1 foram detetadas algumas cerâmicas modernas, mas, principalmente, grande quantidade de fragmentos de utensílios domésticos em plástico e de mobília sanitária. Também foram exumadas duas suspensões dianteiras de automóvel e várias escoras metálicas, utilizadas na construção civil.

A remoção das terras do logradouro pôs também a descoberto, do lado norte, junto à parede da casa limítrofe, uma faixa de terras remexidas, que correspondem à vala de fundação dessa casa. Esta faixa, nomeada de Camada 2, com cerca de 1 metro de largura, e profundidade média de 1 metro, era constituída por terra e areias soltas, com grande incidência de pedras e britas, e na qual foram detetadas algumas cerâmicas. Esta Camada 2 estendia-se ao longo de toda a zona fronteira com a casa ao norte, inclusive até cerca de metade da frente da casa.

No espaço do logradouro, no cercado para criação de animais, foram identificadas duas pias em basalto, uma redonda e uma outra retangular. Estas pias serviriam de recipiente para a alimentação dos animais, ficaram ao cuidado do proprietário do terreno, tendo sido fotografadas e desenhadas pelo técnico. Além destas duas pias, foi recolhida uma panela, em cerâmica comum, no mesmo cercado, que

também serviria como recipiente para alimentação animal. Este cercado, construído em blocos de betão rebocados a cimento, foi integralmente demolido.

Sob este cercado, após a sua demolição, foi identificada a fossa cética da casa, que não constava dos levantamentos previamente efetuados, no projeto de arquitetura. A fossa tinha uma forma ovalada, com cerca de 1,5 metros de largo, por cerca de 2 metros de profundidade. As paredes estavam consolidadas por pedras basálticas sem ligante, e, no interior, estava depositada uma grande quantidade de detritos em plástico. A fossa foi posteriormente soterrada, pois perturbava a cota base das obras de construção, não tendo sido recolhidos quaisquer materiais do seu interior, porquanto não haver condições de segurança, devido ao risco de derrocada das paredes limítrofes.

Seguidamente, procedeu-se à demolição da estrutura do forno e da chaminé. Esta última, como anteriormente referido, era constituída por blocos de betão, rebocados a cimento e o forno era constituído por pedra basáltica seca, sem ligante, e encontrando-se fechado na sua boca por uma parede de blocos de betão. Aquando da sua demolição, verificou-se que havia sido entulhado com pedras, estando já desativado na última fase da habitação da moradia. Os alicerces do forno, tal como os dos restantes anexos da casa, eram superficiais, assentando apenas 0,30 metros sob o solo, ainda na Camada 1. Tal como o forno, o restante anexo posterior da casa foi integralmente demolido.

O acompanhamento arqueológico prosseguiu com a demolição da parede traseira da casa, do telhado e das divisões em tabique. Pelo facto de o reboco das paredes não ter sido previamente picado, e da demolição ter sido efetuada com recurso a maquinaria pesada, não foi possível efetuar o desenho do aparelho construtivo, embora este fosse idêntico à da casa vizinha ao lado sul, ou seja, pedra basáltica seca, sem ligante e rebocada a cimento. Durante a demolição foi identificado um vão, emparedado, de ligação da casa ao logradouro, sensivelmente a meio da parede traseira. As demolições

da casa foram concluídas com a retirada do pavimento em betão, sob o qual estavam colocadas pedras basálticas dispostas aleatoriamente, com o intuito de nivelamento do piso, para aplicação do cimento.

Os trabalhos de escavações da obra, previam a abertura de valas de sapata de pilar com -0,50 metros no interior da casa, e, como já anteriormente referido, do lado poente e, sensivelmente, metade da frente da casa, o subsolo já havia sido remexido (Camada 2), estando inclusive, o alicerce rebocado com betão. O subsolo da metade norte da fachada, tal como a parede nascente, não apresentava sinais de remeximentos anteriores, portanto, enquanto decorriam os trabalhos de remoção dos escombros da casa, realizou-se a escavação com pico e colherim, nos sítios designados para a abertura das valas de sapata do lado nascente.

Da escavação destas valas foi possível verificar que o alicerce da casa, em pedra basáltica solta sem ligante, alcançava uma profundidade de -0,90 metros, assentando sobre uma camada de terra barrosa avermelhada, muito compacta e sem presença de pedras, designada por Camada 3. A Camada 3, homogénea em todo o lote, escorria em declive suave no sentido norte-sul, variando entre os -0,90 metros, junto à parede norte e os 0,10 metros, adjacente ao muro limítrofe a sul. Estava geralmente intocada, exceto no lado poente pela Camada 2 e pela fossa cética.

No canto nordeste foi recolhido, a cerca de -0,40 metros, um numisma de 50 centavos, datável da Segunda República Portuguesa (1928 – 1974), bem como, vários fragmentos de cerâmica a diversas profundidades até alcançar o solo geológico (camada 3). O mesmo se aplica às restantes valas de sapata, e ao meio da casa, após a remoção dos entulhos e conseqüente nivelamento do terreno.

Após a remoção dos entulhos das demolições, a equipa de construção civil iniciou o processo de nivelação do terreno e abertura das restantes sapatas. Deste

processo, na parede poente da casa, sensivelmente a meio, e inserido no alicerce, foi descoberto um conjunto significativo de fragmentos de cerâmica. O alicerce assentava diretamente sobre a Camada 3, e não evidenciava sinais de ter sido alterado, ou remexido, desde a sua implantação, pelo que este conjunto de fragmentos de cerâmica são indiciadores da datação da primitiva construção da casa.

Terminadas as aberturas de vala de sapata e nivelamento do terreno, e sem mais escavações previstas no projeto, deu-se por concluído o acompanhamento arqueológico da obra, prosseguindo esta com os trabalhos de edificação.

Integrado este lote urbano, numa das ruas paralelas, de um total de três, no bairro do Corpo Santo, dado como núcleo fundacional da vila de Santa Cruz⁴, que levam do porto até ao rossio, a escassos cem metros do ancoradouro e do forte da Calheta, havia a expectativa de, possivelmente, se encontrarem estruturas preexistentes, da época fundacional. Conforme ao descrito anteriormente, tal não se verificou, uma vez que a construção em uso até à atualidade, foi a primeira edificação naquele local.

Se foi a primeira edificação, rapidamente se percebeu que esteve em uso até ao final do século XX, ou inícios do século XXI, mas era, do nosso ponto de vista, igualmente importante tentar compreender o período de construção daquela singela habitação, pelo que se procedeu à escavação manual das valas de fundação.

As valas de fundação visam indagar, junto dos alicerces, a época de edificação das estruturas, porquanto, aquando da construção das paredes mestras dos edifícios, existiram, previamente, a escavação das valas onde estes foram implantados, que

⁴ José Manuel Fernandes (2004). “Santa Cruz da Graciosa, o concelho – aspetos de urbanismo e da arquitetura”. *Inventário do Património Imóvel dos Açores. Santa Cruz*. Angra do Heroísmo: Ed. Direção Regional da Cultura e Instituto Açoriano de Cultura, pp. 25-34.

correspondem a unidades estratigráficas negativas. Estas, após a consolidação dos muros, são recobertas, pelo que, nelas se concentram os desperdícios das respetivas

campanhas de edificação. Um estaleiro de obra é, no geral, um local sujo, onde se acumulam detritos dos trabalhos exercidos nas matérias-primas, dos ligantes, mas também da sociabilização dos trabalhadores. Assim, por vezes, nas valas de fundação é possível detetar vestígios de cultura material que permitem datar a construção, através de peças que, danificadas, quebradas ou somente já desnecessárias, lá ficaram soterradas.

Ora, da vala de fundação desta edificação, foram exumados um conjunto de fragmentos de, pelo menos, três taças carenadas e outros tantos pratos, todos eles da mesma tipologia, o que se revela, no mínimo, invulgar. Os pratos têm bordo com lábio de secção semicircular, com um fundo em ônfalo. As paredes medem entre 0,65 e 0,75 cm de espessura. Quanto às taças, têm bordo, algo extrovertido, lábio ligeiramente biselado, corpo de carena, assente num pé baixo, em anel. As paredes têm espessura, variável entre 0,7 e 0,95 cm. As pastas são beges, algumas a tender para o amarelado. Um rico vidrado de óxido de ferro, em tom melado, foi aplicado em ambas as superfícies.

Todo o conjunto corresponde a uma mesma tipologia, que poderá ter duas origens, podendo corresponder à tipologia *Melado*, das cerâmicas mouriscas⁵, provenientes de Sevilha, ou podendo às congéneres produções olisiponenses, suas coevas⁶, sendo que pese embora a sua produção seja de longo tempo, datável entre cerca de 1450 a cerca de 1700, para as formas detetadas, esta é mais restrita, podendo ser da centúria de quinhentos até, no máximo, inícios de seiscentos.

⁵ Alejandra Gutiérrez (2000). *Mediterranean Pottery in Wessex households (13th to 17th centuries)*, BAR, Londres, p 51.

⁶ Casimiro, T. M., Henriques, J. P., Filipe, V. & Boavida, C. (2018). Lead glazed ceramics in Lisbon (16th-18th centuries). *GlazeArte 2018*. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil, p. 275.

Outro aspeto que convém salientar, é que estas se encontravam agrupadas, na vala de fundação da parede mestra interior, e que não houve qualquer descarte, pelo que, se trata de um conjunto que ali foi depositado assim. Pratos, taças/malgas, todas elas serviam para albergar alimentos, que foram consumidos no imediato⁷.

Assim, pese embora possam ser o resultado remanescente de uma refeição de obra, não se podem excluir outras possibilidades, eventualmente propiciatórias, que podem animar o imaginário da antropologia cultural, mormente numa ilha reconhecida por ter apresentado alguns casos de heterodoxia⁸. Não podemos esquecer que uma refeição, à época, apresentava uma panóplia de tipologias, porquanto havia alguma especialização nos fabricos, para as funções determinadas.

Contudo, o que presentemente nos anima é a possibilidade de procurar restringir o período de edificação do imóvel e constituição do respetivo lote. Nesse sentido, procurou-se, também, analisar os indicadores cronológicos mais arcaicos, exumados no interior da habitação, embora que já “contaminados” pelos reflexos da permanente ocupação, desde a sua construção.

Aí se encontra uma maior variabilidade tipológica. Para além dos vidrados melados, acrescem as cerâmicas comuns de produção olisiponense, bem como as cerâmicas esmaltadas, em combinações de azul de cobalto ou com vidrado a verde, para além de um fragmento de cerâmica de *reflexo metálico*, já muito avermelhada, conjugada com azul de cobalto, o que, conjugando os distintos aspetos, permitirá datar a

⁷ “*These were used to eat from directly and individually or to serve food*”. Idem, *ibidem*.

⁸ Acerca de uma certa liberalidade no entendimento do sagrado na ilha leia-se Paulo Drumond Braga (1997) – *A Inquisição nos Açores*, Instituto Cultural de Ponta Delgada, Ponta Delgada e Carla Devesa Rodrigues *et alii* (2016) – “Da sombra à luz: o património sagrado na Graciosa do século XV ao XVIII” in *Atlântida*, n.º LXI, Ed. Instituto Açoriano de Cultura, Angra do Heroísmo, pp. 117 – 134.

construção e uso inicial da casa, de finais do século XVI a inícios do século XVII⁹, ou seja, o período em que Santa Cruz foi descrita, pela primeira vez, tanto por Gaspar Frutuoso¹⁰, como por Diogo das Chagas¹¹.

“(...) em um campo muito chão a vila principal de Santa Cruz, de cuja advocação é a igreja de três naves, postas sobre colunas e seis arcos, com três capelas de cada banda; é vigairo Brás Dias Rodvalho, teólogo e pregador, com ordenado; tem quatro beneficiados, um cura e um tesoureiro, porque há nela quinhentos e quarenta e nove fogos e mil novecentos e trinta e cinco almas de confissão, das quais são de comunhão mil e quatrocentas e sessenta e quatro. Tem no meio dela um paul de água, de que gastam e bebe o gado, sem o qual paul não houvera gado na vila, pela pouca água que tem; e junto do paúl está um recio muito fermoso, de trezentas braças de comprimento e cento de largo, sem nele haver uma pedra, como um ovo, onde correm os cavalos e se fazem muitos folgares. Tem esta vila seis igrejas: a principal, de Santa Cruz, a Misericórdia, Santo André, São Pedro, o Corpo Santo, que está a uma parte sobre um porto, que se chama a Calheta, que é de pedra, sem areia, onde saem e se varam muitos batéis de pescar e não entram nele barcos grandes.

Em outro cabo da vila, correndo pela costa pera a parte do norte e nordeste, está uma igreja de São Sebastião, em um porto principal, onde saem todas as

⁹ As tipologias de materiais são idênticas às detetadas no nível de aterro do terramoto de 1614, na Praia da Vitória, ilha Terceira, por exemplo. Veja-se Carla Devesa Rodrigues et alii (2019) – “De odor tropical, mais *guacamole*, que *paella* – o hospital colonial espanhol da Praia da Vitória” in *Atlântida*, n.º LXIV, Ed. Instituto Açoriano de Cultura, Angra do Heroísmo, pp. 323 – 376.

¹⁰ Terá nascido em Ponta Delgada, cerca de 1522 e faleceu na Ribeira Grande, em 1591. Foi autor de *Saudades da Terra*, primeira obra de fôlego que tentou sistematizar a história dos arquipélagos da Macaronésia, com especial destaque para os Açores. Terá começado a redação do volumoso manuscrito, dividido em seis livros, cerca de 1580 e a ele se terá dedicado até à sua morte. Nunca chegou a ver a obra impressa. Aliás, só no último quartel do século XIX se deram à estampa edições parcelares. A primeira edição completa aconteceu somente em 1966.

¹¹ Nasceu em Santa Cruz das Flores, cerca de 1584 e faleceu em Angra, depois de 1661. Franciscano, esteve profundamente ligado à criação da Província de São João Evangelista dos Açores, separada da dos Algarves. Em 1646, Diogo das Chagas foi feito vigário provincial, cargo que terá exercido até 1649, o que o levou a percorrer e conhecer com maior profundidade o arquipélago. É-lhe atribuída a autoria de seis obras, sendo que *Espelho Cristalino em Jardim de Várias Flores*, é uma referência incontornável para a história dos Açores.

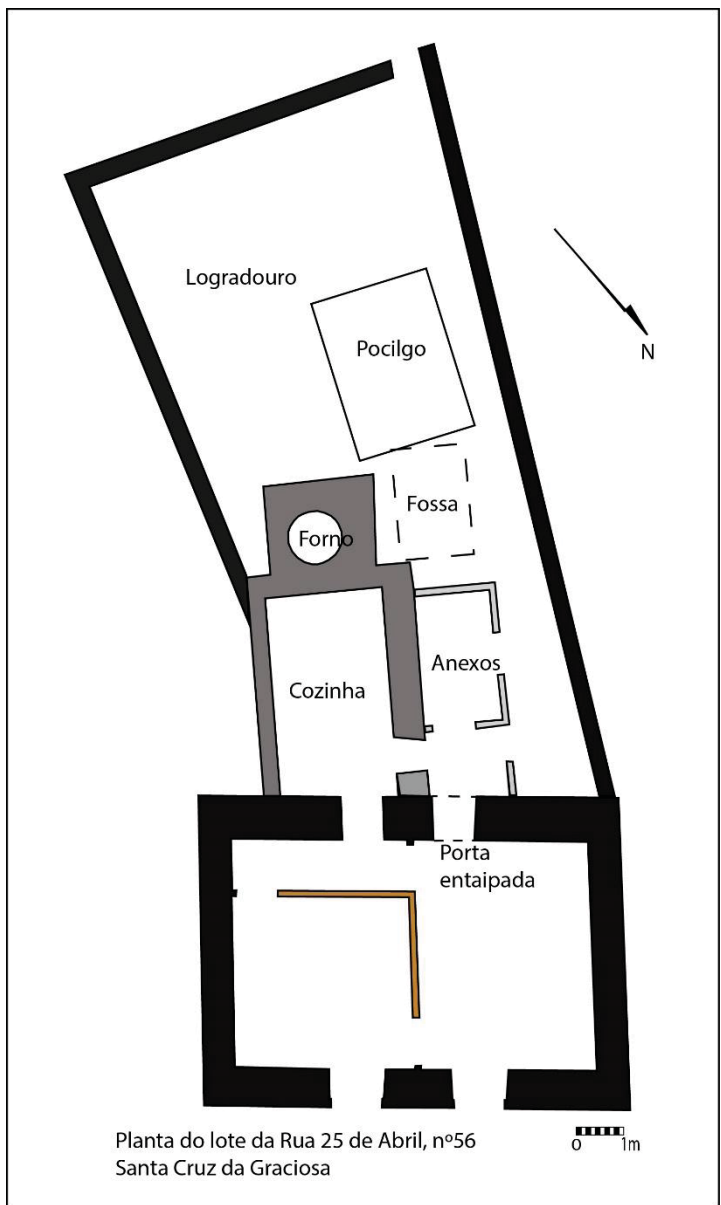
embarcações e navios de toda a sorte que àquela terra vão. Em tempo de verão carregam nele trinta moios de pão, cuja baía está do nordeste a lés-sudoeste, pela terra dentro, e logo na entrada da barra, pera a parte de terra, está uma ermida de Santa Caterina, onde faz muitos milagres nos mareantes, e agora está um forte de artilharia; [...]. Ao tempo que os navios hão-de entrar neste porto, há-de ser com maré cheia, por um carreiro, enfiados por certos padrões que na terra estão, e, se não vão direitos, dão em baixo e abrem muitas vezes.¹²”

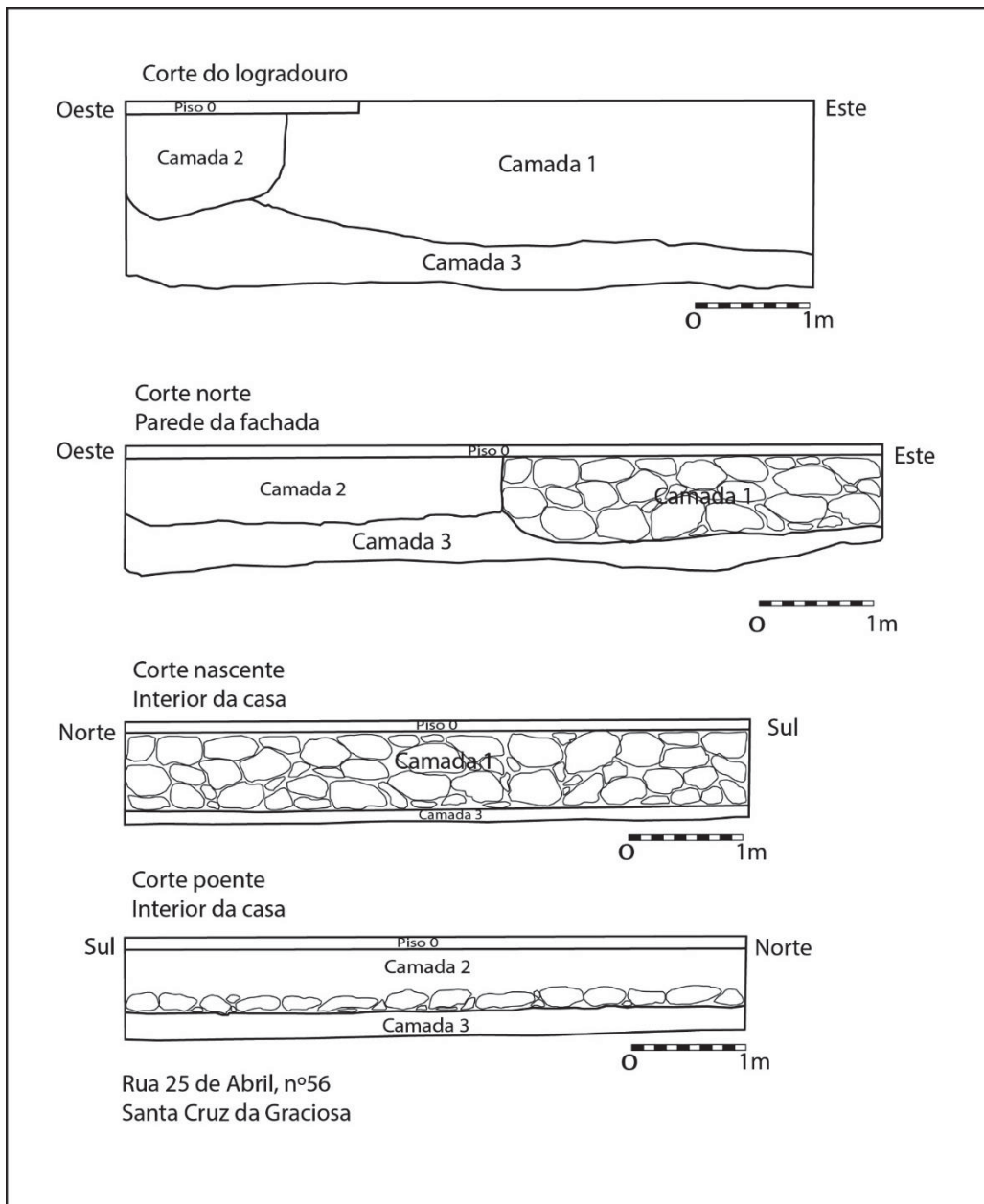
Dessa habitação inicial, de apenas quatro paredes e talvez que telhada, pouco restou. Os acrescentos da casa para o logradouro foram sendo feitos organicamente, até ao século XX, começando pela zona do fogo e do forno. E posteriormente, a casa de banho e pocilgo. A fossa cética, que não constava do levantamento arquitetónico, localizada sob a casa de banho, e parte do pocilgo, foi desativada já no final do século XX, senão já nesta centúria, cuja abundante presença de detritos em plástico, no seu interior, comprova.

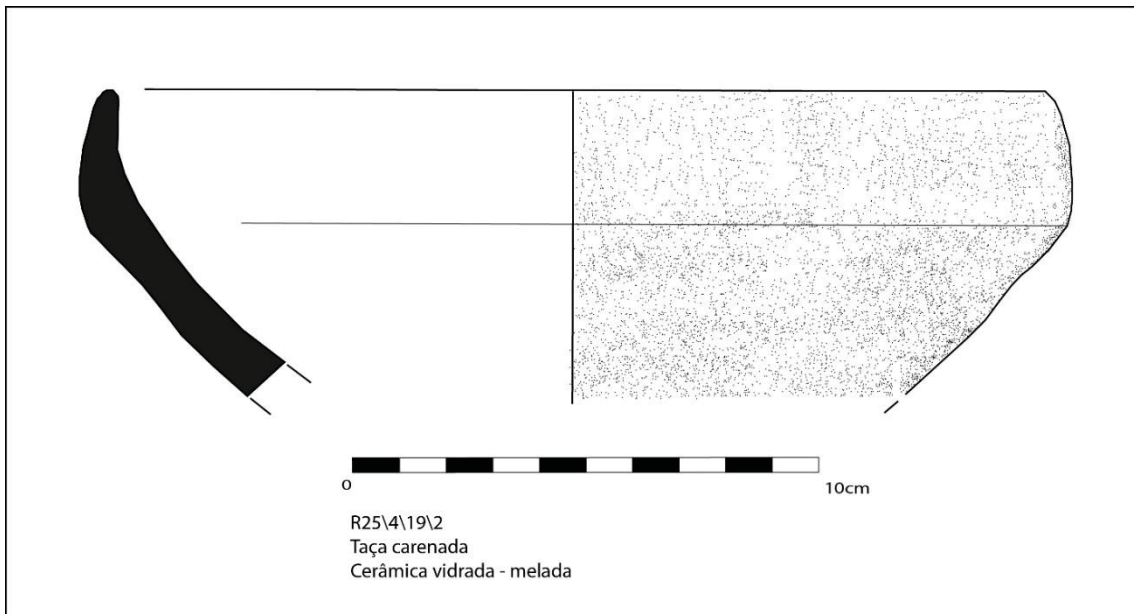
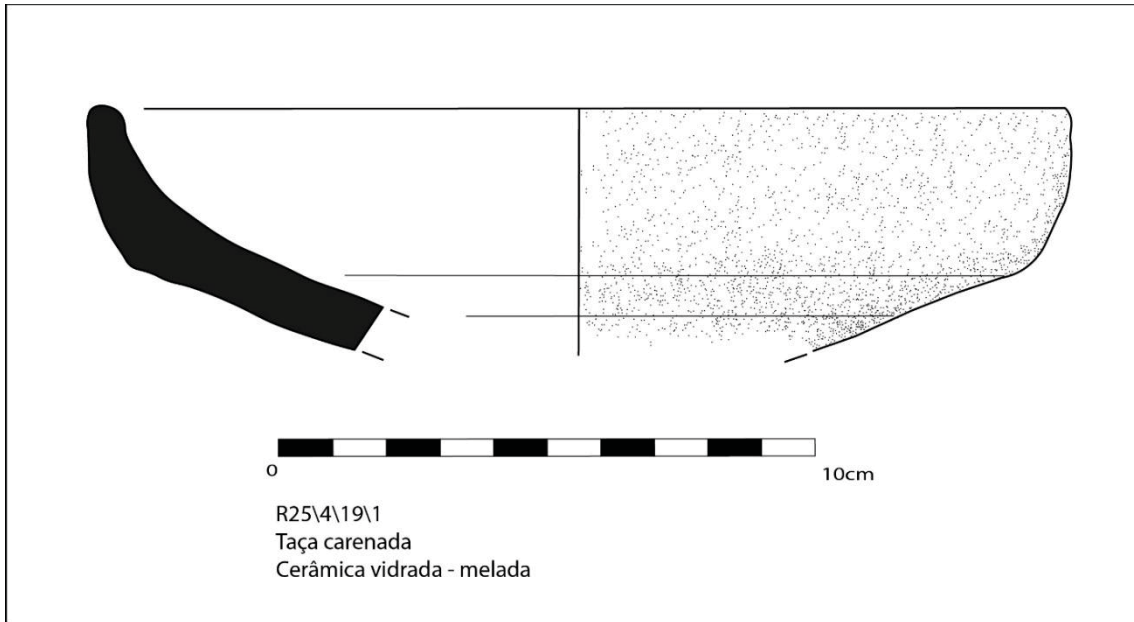


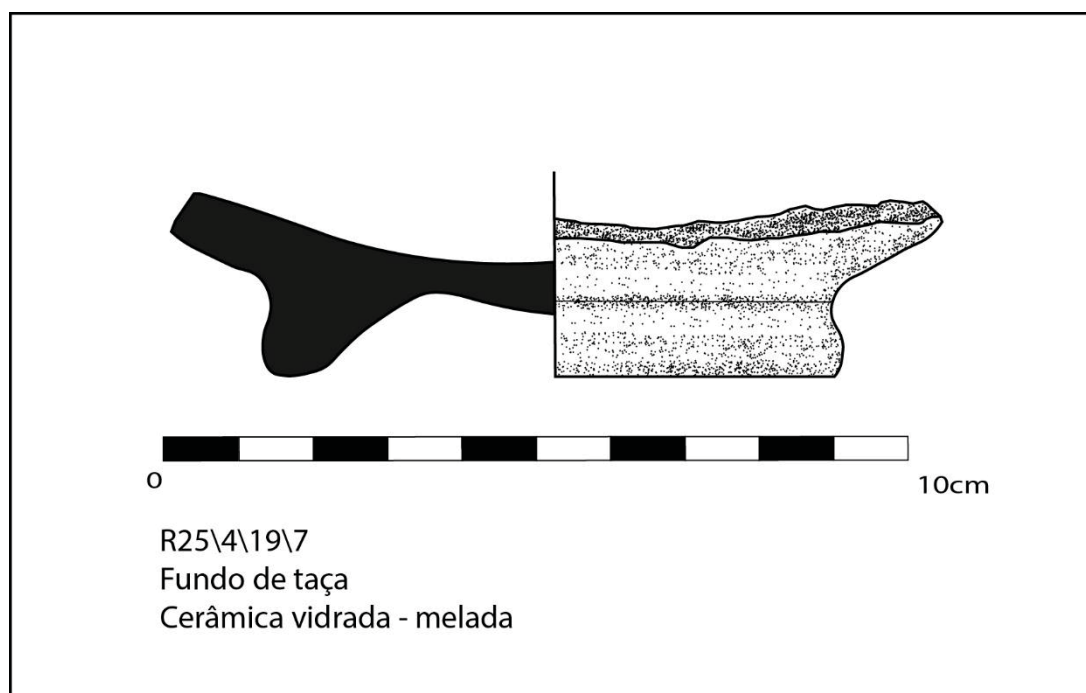
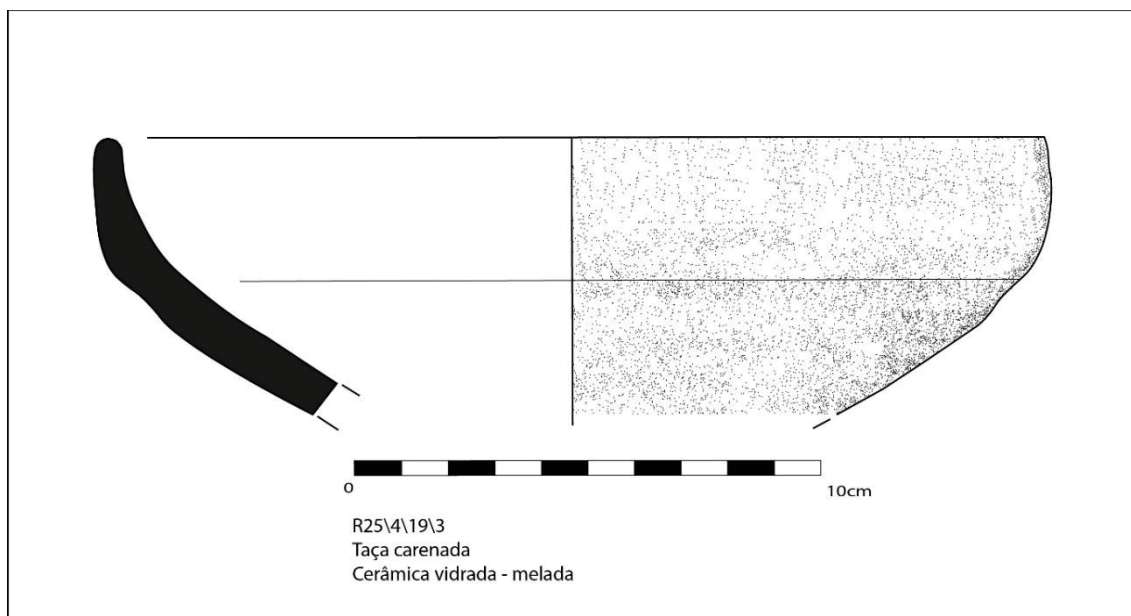
Figura 1 – Fachada do imóvel. Fonte: Luís Borges

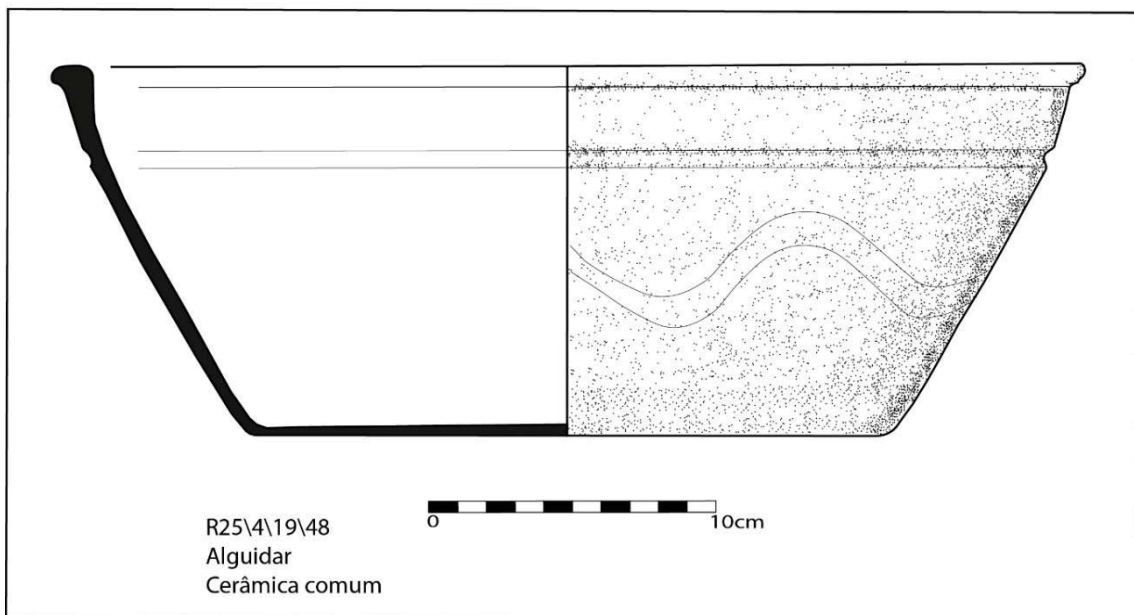
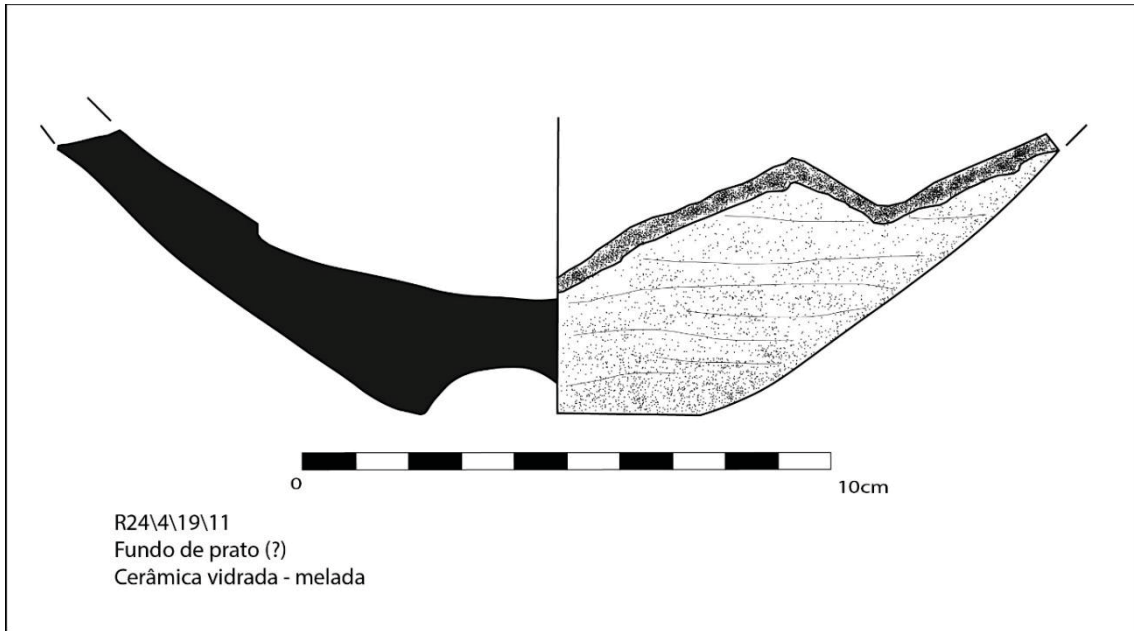
¹² Gaspar Frutuoso (1998). *Saudades da Terra*. Ponta Delgada: Ed. Instituto Cultural de Ponta Delgada, vol. VI, p. 126. Não diferindo muito desta descrição, veja-se também Diogo das Chagas (2007) – *Espelho cristalino em jardim de várias Flores*, Ed. Direção Regional da Cultura e Universidade dos Açores, Angra do Heroísmo, pp. 458 – 459 e pp. 463 – 467.

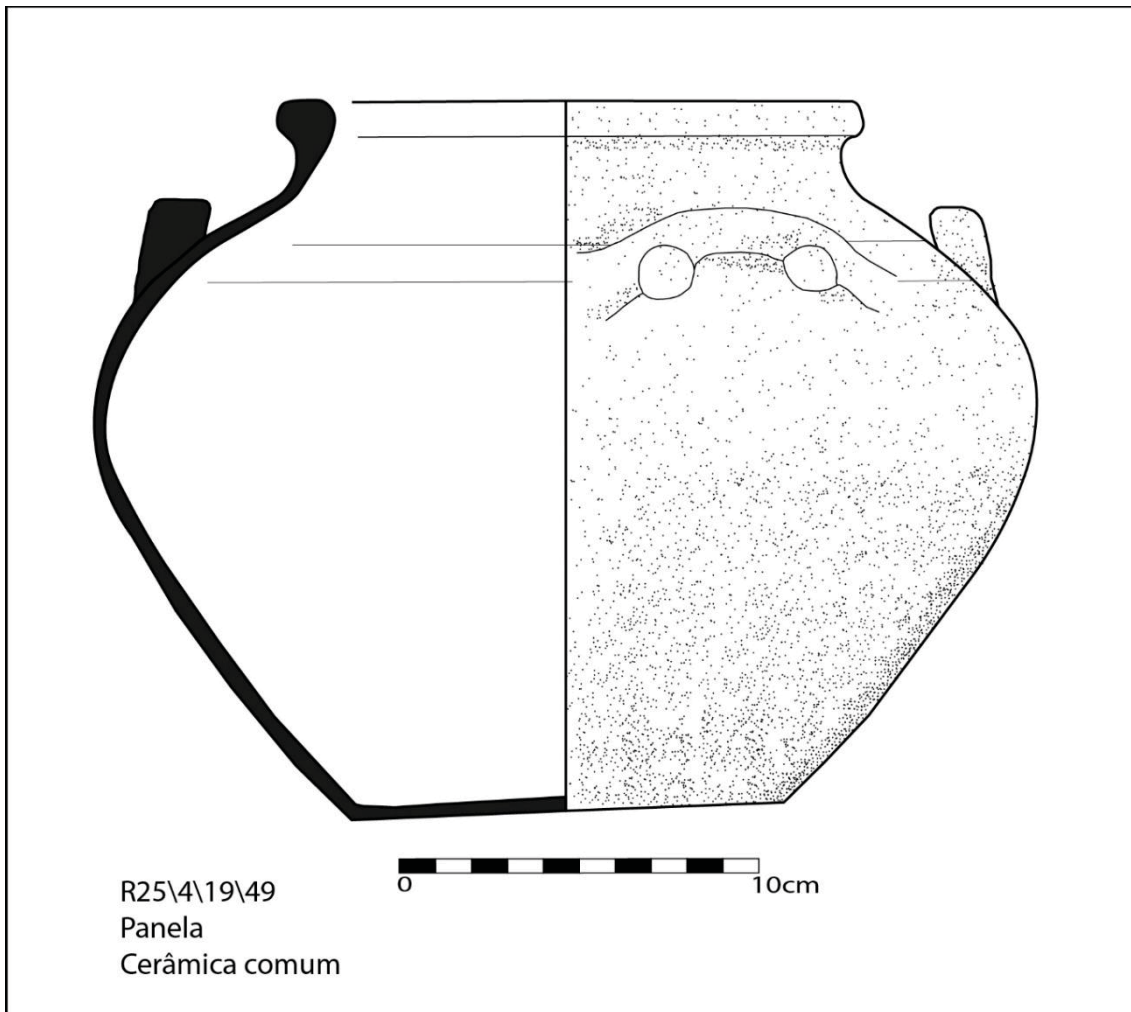












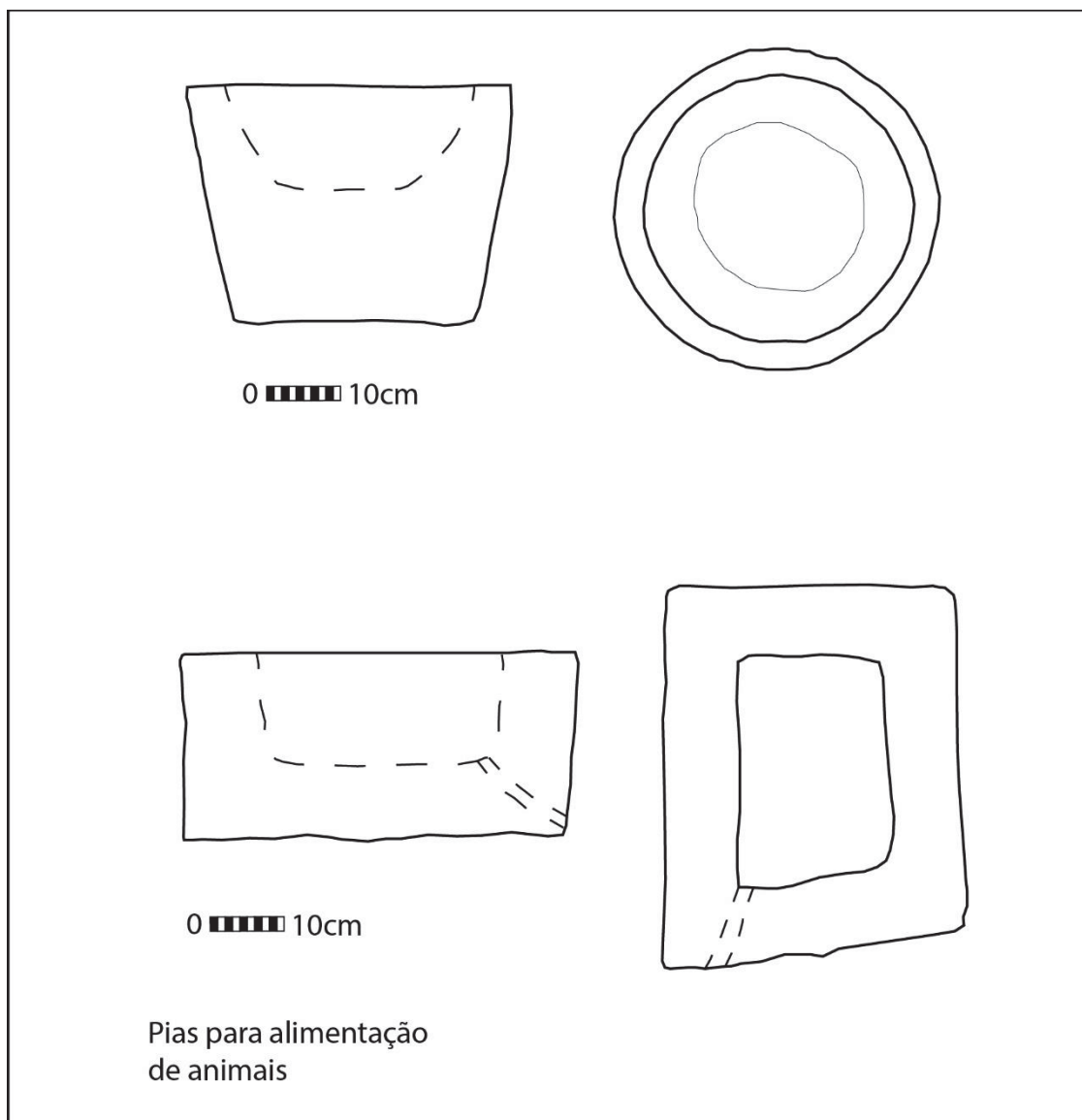


Figura 2 - Pias de alimentação animal que se encontravam no logradouro. Fonte: Luís Borges



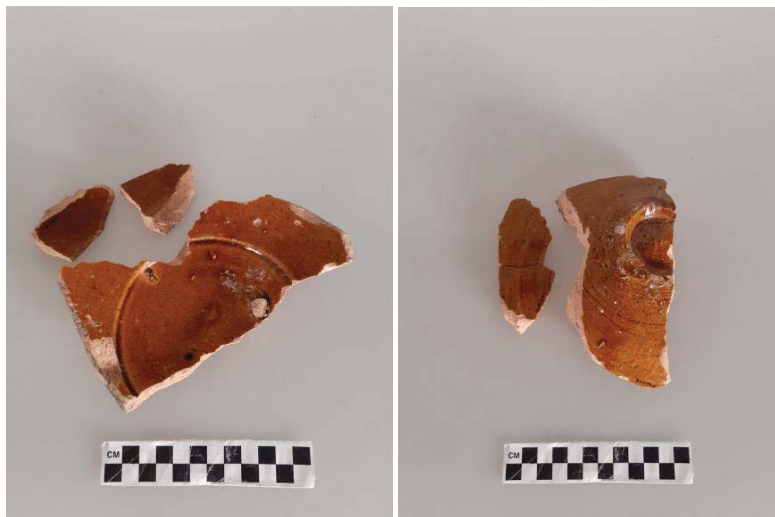
Figura 3 - Materiais provenientes dos silos de Carnide, Lisboa, final do século XVI, inícios do século XVII. Fonte: Tânia Manuel Casimiro



Figuras 4 e 5 - Fragmento de bordo de taça carenada, Sevilha, 1450-1700, R/25/4/19/2. Fonte: Luís Borges



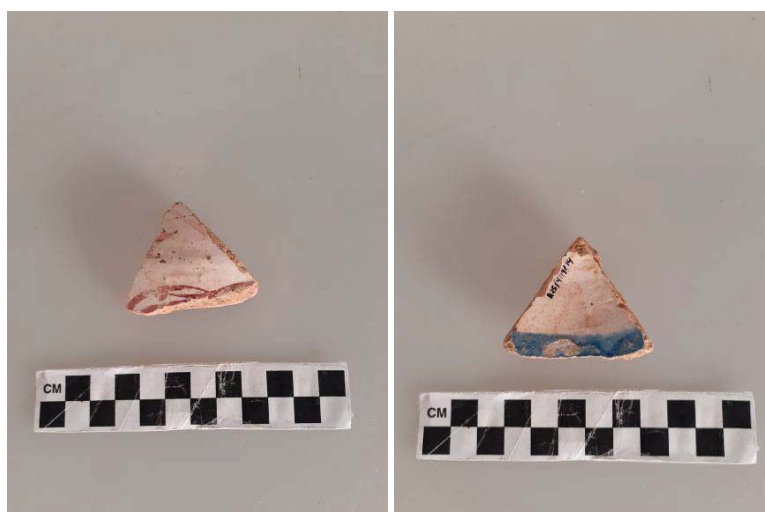
Figuras 6 e 7 - Fragmento de fundo de taça, Sevilha, 1450-1700, R/25/4/19/7. Fonte: Luís Borges



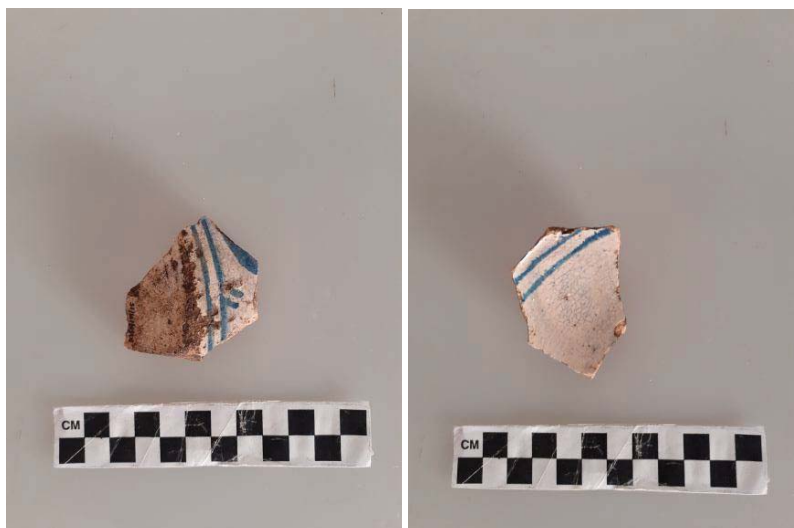
Figuras 8 e 9 - Fragmento de fundo de prato Sevilha, 1450-1700, R/25/4/19/11. Fonte: Luís Borges



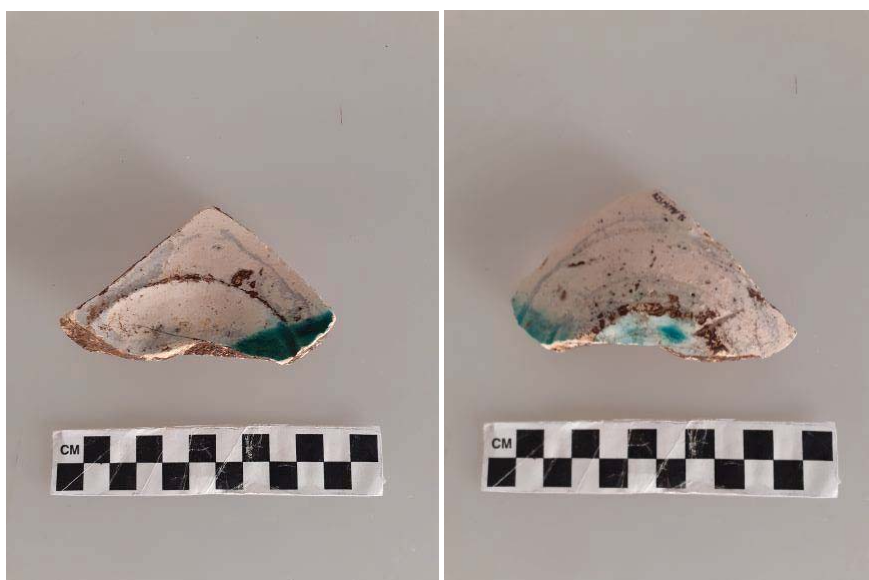
Figuras 10 e 11 - Fragmento de corpo de púcaro, Lisboa, século XVI, R/25/4/19/12. Fonte: Luís Borges



Figuras 12 e 13 - Fragmento de corpo de taça com banda a azul, Sevilha, séculos XVI/XVII, R/25/4/19/14. Fonte: Luís Borges



Figuras 14 e 15 - Fragmento de corpo de taça carenada, Sevilha, séculos XVI/XVII, R/25/4/19/15. Fonte: Luís Borges



Figuras 16 e 17 - Fragmento de fundo de prato, Sevilha, século XVII, R/25/4/19/16. Fonte: Luís Borges



Figura 18 - Fragmento de fundo de prato, Lisboa, 1660-1700, R/25/4/19/17. Fonte: Luís Borges



Figura 19 - Fragmento de bordo de prato, Sevilha, 1450-1550, R/25/4/19/23. Fonte: Luís Borges



Figura 20 - Fragmento de bordo de prato, Sevilha, 1450-1550, R/25/4/19/24. Fonte: Luís Borges



Figura 21 - Fragmento de fundo de prato alto, Lisboa, 1660-1700, R/25/4/19/28. Fonte: Luís Borges



Figura 22 - Fragmento de bordo de alguidar, Lisboa, Séculos XVII/XVIII, R/25/4/19/34. Fonte: Luís Borges



Figura 23 - Fragmentos de faiança industrial, Staffordshire e Sacavém, finais do século XVIII a inícios do século XX,
R/25/4/19/45, R/25/4/19/46 e R/25/4/19/47. Fonte: Luís Borges



Figura 24 - Panela, regional, séculos XVI/XX, R/25/4/19/49. Fonte: Luís Borges

